**Glosas sobre a Igreja Católica na Serra Catarinense (Parte 4).**

***Interlúdio – Centenário da Diocese de Lages: tempo de graça, memória e reconciliação***

*Vitor Hugo Mendes*[[1]](#footnote-1)

A celebração jubilar do primeiro centenário de criação (1927-2027) e de instalação (1929-2029) da Diocese de Lages (SC), não deixa de ser a oportunidade para uma memória agradecida pela presença da Igreja Católica na Serra Catarinense. A graça de celebrar o jubileu é, também, como ensina a tradição da Igreja, uma ocasião privilegiada de penitência, conversão e reconciliação (*purificação da memória*).

Num certo sentido, ao convocar o Ano do Jubileu ordinário de 2025 – *Peregrinos de Esperança*, o bispo de Roma, com máximo ânimo espiritual, antecipa-se em colocar-nos mais diretamente em sintonia e a caminho da celebração jubilar da Diocese de Lages. “Não é por acaso – *recorda o santo padre –* que *a peregrinação* representa um elemento fundamental de todo o evento jubilar. Pôr-se a caminho é típico de quem anda à procura do sentido da vida. A peregrinação a pé favorece muito a redescoberta do valor do silêncio, do esforço, do essencial” (Bula *Spes non confundit*, n. 5). A peregrinação, na verdade, desperta-nos para aquela dinâmica missionária descalça que “nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez auto-defensiva [...] não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada (*EG*, n. 45).

Como orientação, tratando de indicar um ponto de chegada para a experiência da peregrinação jubilar, o Papa Francisco sublinha a importância de uma purificação autêntica: “uma tal experiência repleta de perdão não pode deixar de abrir o coração e a mente para perdoar. Perdoar não muda o passado, não pode modificar o que já aconteceu; no entanto, o perdão pode-nos permitir mudar o futuro e viver de forma diferente, sem rancor, ódio e vingança. O futuro iluminado pelo perdão permite ler o passado com olhos diversos, mais serenos, mesmo que ainda banhados de lágrimas” (*Spes*..., n. 23). Em suma, celebrar o jubileu significa um novo recomeço, somos “chamados a ser sinais palpáveis de esperança para muitos irmãos e irmãs que vivem em condições de dificuldade” (*Spes*..., n. 10).

Movido por essa imparável *saída missionária* provocada pelo Papa Francisco, tendo em vista a “peregrinação” rumo ao jubileu da Diocese de Lages e as razões da nossa esperança, como contribuição, optamos por realizar um exercício de “memória”. Trata-se, ainda, de vencer o “esquecimento” agravado pela pandemia da COVID e pelo pandemônio da indiferença. Assim, tratamos de ensaiar um balanço histórico e teológico-pastoral da caminhada evangelizadora da Igreja Católica na Serra Catarinense.

É curioso perceber o quanto a iniciativa de peregrinar pela nossa história e os assuntos temáticos já tratados tiveram de receptividade. Aliás, têm provocado as mais diferentes reações, seja de acolhida curiosa, complementação, incentivo e alento na empreitada, seja de desassossego, acolhida ruidosa, crítica severa e até mesmo indecorosa censura (em pleno século XXI). Deixando de lado o adendo paroquial de um e outro fato, por isto e aquilo, superou as expectativas em todos os sentidos. Como lembra o Papa Francisco, “se deixamos que as dúvidas e os medos sufoquem toda a ousadia, é possível que, em vez de sermos criativos [...]”, nos tornemos “simplesmente espectadores de uma estagnação estéril da Igreja”(*EG*,n. 129). Por isso a *memória* é tão importante, *incomoda* e *desacomoda*.

Para além disso, na introdução de *Era dos extremos*, E. Hobsbawm faz perceber que “a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX”. No dizer do conhecido historiador, “quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica como passado público da época em que vivem”. Por conta disso, destaca, “os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca”, sugerindo que é preciso “ser mais que simples cronistas, memorialistas e compiladores” da inevitável sucessão de acontecimentos. Quer dizer, trata-se de indagar os fatos em sua complexidade, por sua vez, posicionando-se com discernimento histórico.

Estamos conscientes de que fazer *memória* *da nossa história* é uma tarefa sempre difícil e incompleta. Por um lado, são incontáveis os aspectos a serem destacados e numerosa a multidão de gente que deram sua contribuição e merecem nossa grata recordação. Por isso, recuperar a *nossa memória* só pode ser uma *obra coletiva*, um “proseio na serra”, uma roda de conversa. Por outro lado, já demostrou o Mestre, *Fazer Memória* é ter verdadeiramente diante dos olhos rostos, vidas, mortes, ressurreições... Talvez por isso, diz o dito, “recordar é viver”. Seja como for, fazer memória é sobretudo “não deixar cair a profecia” (H. Câmara).

Nestes tempos privilegiados em que *bons ares* chegam e saem de Roma, convocados a *caminhar juntos*, temos a graça de celebrar o *Jubileu da Esperança* com o Papa Francisco e a esperança de celebrar o jubileu centenário da Diocese de Lages como *tempo de graça, memória e reconciliação*. Purificada a memória, será possível, de novo, “lembrar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abrir-se com confiança ao futuro”.

\*\*\*

1. Doutor em Educação (UFRGS), Doutor em Teologia (UPSA/Salamanca), Pós-doc. em Pensamento Ibérico e Latino-americano, Pós-doc. em Educação. Presbítero da Diocese de Lages – SC. Orientador de Retiros, conferencista, assessor e consultor em temas de Teologia, Pastoral, Espiritualidade, Educação e Psicopedagogia. Especialista em Pastoral Urbana. Autor da obra, em dois volumes, *Liberación, un balance histórico bajo el influjo de Aparecida y Laudato si’. El aporte latinoamericano de Francisco*, 2021, Editora APPRIS/AMERINDIA, que versa sobre a Teologia Latino-americana e o Magistério do Papa Francisco. [↑](#footnote-ref-1)